

Pontificia Universidade Católica
do Rio de Janeiro



Adalgisa Mariano de Castro

**A espiritualidade e a amizade social
a partir da encíclica *Fratelli Tutti***

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em Teologia com requisito para
a obtenção do título de Bacharel em
Teologia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Francilaide de
Queiroz Ronsi.

Rio de Janeiro
Novembro de 2025

*À minha querida mãe, Marina Mariano de Castro,
in memoriam, que me educou na fé da Igreja e
sempre me incentivou no caminho do seguimento
do Senhor Jesus.*

Agradecimentos

A Deus, que fez com que meus objetivos fossem alcançados, durante todos os meus anos de estudos.

Ao meu esposo Miguel José de Oliveira Modesto, pelo incentivo neste percurso acadêmico.

A minha madrinha Marisa de Sousa, ao meu afilhado Jhan Carlos de Sousa e primos pelas orações.

Ao Reverendo Pe. Anderson Pedroso, Reitor da PUC Rio, ao Reverendo Padre Waldecir Gonzaga, diretor do Departamento de Teologia da PUC Rio, ao Reverendo Padre Heitor Utrini coordenador do Departamento de Teologia da PUC Rio.

A professora Dra. Francilaide de Queiroz Ronsi, pela colaboração para meu crescimento acadêmico e humano, por toda disposição e cuidado na orientação desta pesquisa.

Aos professores do Departamento de Teologia da PUC Rio.

Aos meus queridos professores e amigos Maria Catarina Rego e Marcelo Sousa Dias que sempre me incentivaram e sempre estiveram ao meu lado, pela amizade e pelo apoio demonstrado ao longo de todo o período da graduação.

Ao meu amigo e irmão Lucas de Andrade Flor Santos, pela sua ajuda e amizade fraterna.

RESUMO

A presente pesquisa aborda a relação entre a Espiritualidade Cristã e a Amizade Social, tendo como fundamento a encíclica *Fratelli Tutti* do Papa Francisco. Em sua obra *Fratelli Tutti*, o Papa Francisco sinaliza a urgência de uma Fraternidade Universal. O objetivo é analisar como a Espiritualidade Cristã, fundamentada no encontro com Jesus e na universalidade de sua mensagem, pode contribuir para a construção de uma Amizade Social autêntica. A metodologia utilizada é bibliográfica, baseando-se na análise de textos teológicos.

Palavras-chave:

Espiritualidade Cristã. Amizade Social. Fraternidade. Diálogo Social.

RÉSUMÉ

Cette recherche aborde la relation entre la Spiritualité Chrétienne et l'Amitié Sociale, ayant comme base théorique l'encyclique *Fratelli Tutti* du Pape François. Dans son œuvre *Fratelli Tutti*, le Pape François signale l'urgence d'une Fraternité Universelle. L'objectif est d'analyser comment la Spiritualité Chrétienne fondée sur la rencontre avec Jésus et aussi en raison de l'universalité de son message, peut contribuer à la construction d'une authentique Amitié Sociale. La méthodologie utilisée est bibliographique, en se basant sur l'analyse de textes et de documents théologiques de l'Eglise Catholique.

MOTS-CLÉS:

Spiritualité Chrétienne. Amitié Sociale. Fraternité. Dialogue Social.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	05
2. A ESPIRITUALIDADE CRISTÃ	07
2.1 As Raízes Antropológicas da Espiritualidade Cristã	07
2.2 O Encontro Reservado com Jesus	11
2.3 A Universalidade da Espiritualidade Cristã	16
3. O PAPA FRANCISCO E A AMIZADE SOCIAL	20
3.1 A Amizade Social na perspectiva do Papa Francisco	21
3.2 A Fraternidade Universal na Encíclica <i>Fratelli Tutti</i>	22
3.3 Desafios e Propostas para uma Espiritualidade da Amizade Social	24
4. ESPIRITUALIDADE CRISTÃ E AMIZADE SOCIAL	27
4.1 A Espiritualidade como base da Amizade Social	28
4.2 A Comunidade Cristã e a prática da Amizade Social	32
4.3 Espiritualidade e Diálogo Social: Caminhos para o Encontro	35
5. CONCLUSÃO	40
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

Lista de Abreviaturas

EG Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*

GS Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*

FT Carta Encíclica *Fratelli Tutti*

LG Constituição Dogmática *Lumen Gentium*

LS Carta Encíclica *Laudato Si*

PC Decreto do Concílio Vaticano II *Perfectae Caritatis*

1. INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa será apresentado um estudo sobre a Espiritualidade Cristã e a Amizade Social, onde o Papa Francisco, na encíclica *Fratelli Tutti*, apresenta-nos valores de fraternidade e solidariedade em busca de um mundo mais amoroso que ultrapassa as fronteiras culturais, religiosas ou políticas.

Sobre a Espiritualidade Cristã, esta é marcada pela busca profunda de Deus envolvendo uma vivência plena e diária com o Evangelho e o compromisso com uma real transformação interior. Viver o verdadeiro amor cristão tendo em vista seu crescimento pessoal, que é o Encontro pessoal com Jesus, que se realiza no Encontro com os demais.

A Espiritualidade Cristã, entendida como experiência do encontro com Deus e com o próximo, constitui-se como elemento central para a vida dos fiéis e para a construção de comunidades solidárias. Neste trabalho, buscar-se-á analisar as bases antropológicas da espiritualidade cristã, o Encontro reservado com Jesus e a universalidade dessa espiritualidade, tendo como referência principal a obra de Francisco Catão, Espeja, Mondoni, Nodari e Miranda.

Além disso, pretende-se relacionar esses fundamentos com a proposta de Amizade Social apresentada pelo Papa Francisco na Encíclica *Fratelli Tutti*. O estudo é fundamentado em pesquisas bibliográficas, privilegiando a análise de obras teológicas. A *Fratelli Tutti* nos convida a olhar com ternura para cada irmão e observar a importância de uma cultura do encontro e uma experiência de acolhida do mesmo modo que Jesus fez.

Convém destacar que o Papa Francisco nos deu a conhecer a *Fratelli Tutti* como uma proposta de uma forma de vida, que consiste em amar o outro como irmão. É um apelo à fraternidade aberta, a reconhecer e amar cada pessoa com um amor sem fronteiras. *Fratelli Tutti* aborda com grande particularidade uma insistência a reagir com um novo olhar de Fraternidade e Amizade Social reconhecendo a dignidade de cada ser humano.

No primeiro capítulo se faz uma abordagem a respeito da Espiritualidade Cristã, tendo como princípio o amor que sempre inspirou Jesus. No segundo capítulo, serão abordadas a Amizade Social segundo o Papa Francisco até chegar a encíclica *Fratelli Tutti* e as questões relacionadas com a

Fraternidade e a Amizade Social. No terceiro capítulo será abordada a Amizade Social tendo como base a Espiritualidade, a Comunidade Cristã e o Diálogo Social.

2. A ESPIRITUALIDADE CRISTÃ

Neste capítulo se busca refletir sobre a Espiritualidade Cristã que nasce da busca humana por sentido e transcendência, fundamentada na antropologia: todo ser humano é chamado à comunhão com Deus. Partindo da afirmação de Francisco Catão se verá que essa Espiritualidade é relacional, histórica e encarnada, vivida no cotidiano e nas relações, isto é, uma experiência vivida que brota exclusivamente do Encontro pessoal com Jesus. Essa experiência transforma o ser humano, conduzindo-o à vida no Espírito e ao serviço ao próximo. Desse modo, a fé cristã revela que o mistério do ser humano só se compreende à luz do Verbo Encarnado¹ e que a compaixão é expressão concreta dessa Espiritualidade: “padecer com, sentir com, abraçar com”. Amar o outro é condição para amar a Deus (Mt 22,39), e viver o Evangelho é assumir o estilo de vida de Jesus.

De tal modo, que essa Espiritualidade é Universal. Não se limita a culturas ou épocas, mas atravessa fronteiras, respondendo ao desejo humano por amor, verdade e comunhão. Catão afirma que a experiência cristã começa na vivência de Jesus com o Pai, e não apenas na nossa adesão a Ele². O amor é o núcleo dessa espiritualidade. Ele parte do Pai, revela-se no Filho e se comunica pelo Espírito (Jo 13,34). Como ensina o Papa Francisco, o amor exige abertura contínua e acolhimento do outro³. A *Laudato Si'* reforça essa visão ecológica e relacional: “tudo está interligado, como se fôssemos todos parte de uma única família”⁴. A Espiritualidade Cristã é, portanto, um chamado à comunhão com Deus, com os outros e com a criação. Ela transforma, humaniza e universaliza, sendo vivida no coração do mundo com esperança e compromisso.

2.1 As raízes antropológicas da Espiritualidade Cristã.

A Espiritualidade Cristã tem suas raízes na experiência humana de buscar o seu sentido e a sua transcendência. Segundo Catão: “a teologia da espiritualidade procura refletir de maneira teológica a experiência cristã, iluminando-a com os princípios de toda a teologia, bem como da

¹ GS 22.

² CATÃO, Francisco, *Espiritualidade Cristã*, p.28.

³ FT 95.

⁴ LS 92.

experiência vivida no nosso tempo”⁵. A Espiritualidade Cristã tem por base a antropologia, ou seja, seu fundamento primeiro é o ser humano, pois toda pessoa humana é chamada a uma vida espiritual. Dessa forma, a Espiritualidade Cristã não é um fenômeno isolado, mas se insere na história e na cultura, respondendo aos anseios mais profundos do ser humano.

Catão entende que o ser humano possui uma estrutura ontológica espiritual, ou seja, ele é naturalmente inclinado ao absoluto, ao sentido, ao amor. Essa inclinação não é apenas psicológica ou cultural, mas metafísica: a pessoa é um ser de desejo, de busca, de inquietação. Santo Agostinho já dizia: “Fizeste-nos para Ti, Senhor, e inquieto está o nosso coração enquanto não repousa em Ti”⁶. Essa interioridade é o lugar onde Deus se comunica, onde a graça atua, onde a liberdade se encontra com o chamado divino.

A Espiritualidade Cristã é essencialmente relacional. O ser humano realiza-se no dom de si aos outros, pois:

o homem não pode encontrar-se plenamente a não ser no sincero dom de si mesmo, única criatura sobre a terra a ser querida por Deus por si mesmo, já que Deus quis que os homens formassem uma família, se tratassem uns aos outros como irmãos e que se tornaram cada dia mais dependentes uns dos outros e o mundo se unifique cada vez mais⁷.

Resumindo, a Espiritualidade do amor oblato é a marca do seguimento de Cristo. A *Gaudium et Spes* rejeita qualquer espiritualidade alienante. Pelo contrário, ela afirma que o cristão é chamado a viver sua fé no coração do mundo, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, fraterna e pacífica⁸.

Para Catão, a Espiritualidade Cristã nasce como resposta à vocação que Deus inscreve no coração humano. Não é uma fuga do mundo, mas uma forma de viver no mundo com profundidade, com sentido e com comunhão. O ser humano é chamado a viver em relação com Deus, com os outros e consigo mesmo. Essa vocação é universal: todos os seres humanos, independentemente de sua cultura ou religião, possuem essa abertura espiritual. A fé cristã reconhece que essa abertura é plenamente iluminada e realizada em Jesus Cristo, o Verbo Encarnado.

⁵ CATÃO, Francisco, Espiritualidade Cristã, p.15.

⁶ Agostinho, Confissões, I, 1,1.

⁷ GS 24.

⁸ GS 1-3. 43.

Por isso, a Espiritualidade Cristã é desenvolvida em comunidade, portanto, histórica, encarnada e transformadora. Busca “ajudar o mundo e recebendo dele ao mesmo tempo muitas coisas, (...) O próprio Senhor o diz: ‘Eis que venho em breve, trazendo comigo a minha recompensa, para dar a cada um segundo as suas obras. Eu sou o alfa e ômega, o primeiro e o último, o começo e o fim’ (Ap 22, 12-13)”⁹. É necessário construir um humanismo ‘antropo-teo-cêntrico’¹⁰ renovado, com suas raízes na terra e plenamente consciente por sermos uma parte a mais dentro do todo, do universo. Faz-se também essencial e importante um cuidado fraterno com a mãe terra. É necessária uma Espiritualidade com um dinamismo vital, que atravessa todas as dimensões da existência: afetiva, racional, ética, social, já que não se limita à oração ou à liturgia, mas se expressa na forma como o ser humano trabalha, ama, sofre, espera. É uma espiritualidade encarnada, que se vive no cotidiano, nas relações, nas escolhas.

É um belo exemplo, e uma chamada de atenção, a encíclica *Laudato Si*, do Papa Francisco, que propõe uma Espiritualidade Cristã profundamente enraizada na relação entre o ser humano, Deus e a criação. Ela parte de uma antropologia cristã que reconhece a pessoa como criatura amada, chamada à comunhão com o Criador e com todas as criaturas. Onde todos são co-responsáveis com diversas motivações para cuidar não só da natureza, mas com tudo o que diz respeito a ela e aos irmãos e irmãs mais frágeis.

O número 81 da *Laudato Si* nos apresenta uma antropologia cristã, despertando-nos para a plenitude de Deus:

Embora suponha também processos evolutivos, o ser humano implica uma novidade que não se explica cabalmente pela evolução doutros sistemas abertos. Cada um de nós tem em si uma identidade pessoal, capaz de entrar em diálogo com os outros e com o próprio Deus. A capacidade de reflexão, o raciocínio, a criatividade, a interpretação, a elaboração artística e outras capacidades originais manifestam uma singularidade que transcende o âmbito físico e biológico¹¹.

É uma antropologia cristã profundamente marcada pela interdependência entre o ser humano e a criação, e pela limitação da razão técnica quando separada da ética e da espiritualidade. É um alerta para quando a razão técnica, isolada da ética e da espiritualidade, pode se tornar destrutiva. Isso revela uma visão antropológica que reconhece o ser humano como mais do que um produtor ou consumidor: ele é um ser moral, espiritual e relacional. Aqui, parece que a proposta do Papa Francisco

⁹ GS 45.

¹⁰ Esta expressão busca atenuar um humanismo que não deve ser apenas antropocêntrico.

¹¹ LS 81.

rejeita a ideia de que o ser humano é o centro absoluto. Em vez disso, ele é visto como parte de uma rede de relações, chamado a viver em harmonia com a criação, com os outros e com seu Criador. Reforça que a verdadeira grandeza humana está em usar a liberdade para o bem comum, e não para a exploração. Isso está em sintonia com a visão bíblica do ser humano como imagem de Deus (Gn 1,29; Tg 3,9), chamado a cuidar da criação com responsabilidade e amor. Reconhecendo o ser humano como criatura de Deus, dotado de razão, liberdade e responsabilidade, mas que só encontra sua verdadeira vocação quando vive em comunhão com o Criador, com os outros e com a casa comum.

Ao se ler os itens que foram mencionados em cada capítulo pode-se pressupor que a causa principal da carta encíclica, acabou dando motivação à fundamentação de alguns aspectos tais como: (1) a Casa Comum e a globalização da indiferença, (2) os direitos humanos e a universalidade. A Carta encíclica *Laudato Si'*, do Papa Francisco, convida a todos a cuidar da casa comum. Francisco denuncia que vivemos uma “globalização da indiferença”, onde o sofrimento dos pobres e da terra é ignorado em nome do progresso técnico e econômico. Essa indiferença revela uma espiritualidade ferida, desconectada da realidade e da compaixão. A Espiritualidade Cristã, nesse contexto, é chamada a ser encarnada e compassiva, capaz de ver o rosto de Cristo nos pobres e nas criaturas feridas. Trata-se de uma espiritualidade pascal, que passa pela cruz do mundo para anunciar a ressurreição da esperança.

O Papa Francisco em sua encíclica *Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum, diz: “tudo está relacionado, e todos nós, seres humanos, caminhamos juntos como irmãos e irmãs numa peregrinação maravilhosa, entrelaçados pelo amor que Deus tem a cada uma das suas criaturas e que nos une também, com terna afeição, ao irmão sol, à irmã lua, ao irmão rio e à mãe terra”¹². A encíclica propõe uma ética universal, fundada na dignidade de cada pessoa e na vocação à fraternidade. Os direitos humanos não são apenas jurídicos, mas teológicos: cada ser humano tem direito à vida, à beleza, à água, ao ar, à paz, porque é amado por Deus. É ver o outro não como ameaça, mas como irmão, e a criação não como recurso, mas como dom. É uma espiritualidade que une justiça e contemplação, ação e oração.

Como decorrência desse contexto, o ser humano deve reconhecer o criador como o grande condutor de tudo que existe na terra. Ele vive e se desenvolve numa determinada cultura sendo esta, consequentemente, sua morada. A espiritualidade está intimamente unida à cultura. No universo tudo

¹² LS 92.

se relaciona. O Espírito permite essa capacidade de inter-relação e é nesta perspectiva que Jesus faz parte de nossa história pessoal, nos introduzindo sempre em ir em busca da verdadeira felicidade e da fraternidade. O Papa Francisco nos convida a redescobrir quem somos: criaturas amadas, chamadas à comunhão, à responsabilidade e à esperança. A Espiritualidade Cristã, nesse horizonte, é viver como filhos de Deus, irmãos entre si, cuidadores da casa comum e peregrinos rumo ao Reino.

Seguindo ainda as palavras de Francisco Catão a Espiritualidade Cristã tem como pilar a antropologia fundamentada no homem, pois ele afirma: “o ser humano dotado de inteligência e vontade, está aberto à comunhão com Deus, pois historicamente foi desde o início chamado a participar da vida divina. Deus é uma experiência que alimenta existencialmente a vida humana e toda espiritualidade”¹³. Posto isso, a pessoa humana é chamada a ter um encontro com Deus, em busca de uma vida espiritual inspirada pela espiritualidade de Jesus. Jesus é o alicerce dessa espiritualidade cristã que teve destaque com as primeiras comunidades, como também, todos os testemunhos de experiência espiritual. De acordo com o autor somente a vida no espírito renasce dessa experiência humana de Jesus que alcança a todos.

Daí, torna-se claro que Francisco Catão nos ajuda a perceber que a experiência espiritual se faz na própria vida. Ao buscar Deus, segundo o autor, o cristão por intermédio de Jesus alimenta-se desse amor pleno de caridade e bondade, nos reconciliando com Deus e nos oferecendo a oportunidade de uma vida nova e um futuro com ele. Ou seja, “não basta, portanto, do ponto de vista teológico, reconhecer que o ser humano é criatura de Deus. Ele o é, sem dúvidas, mas, além disso é chamado a entrar em comunhão com Deus, a participar da sua vida”¹⁴.

2.2 O Encontro reservado com Jesus

Pode-se compreender a espiritualidade com um relacionar-se com o imaterial. Numa relação pessoal, ôntica, onde encontram-se a matéria e o espírito. De origem latina (*spiritus*) a espiritualidade é essa qualidade que todo ser humano tem. No ponto de vista Judaico-Cristão, a espiritualidade é um encontro, que relacionado com a fé, é uma experiência que lança o humano a experimentar o sentido de toda a existência humana, isto é, o encontro e o relacionamento com Deus. É nesse sentido que se

¹³ CATÃO, Francisco, Espiritualidade Cristã, p. 18-19.

¹⁴ CATÃO, Francisco, Espiritualidade Cristã, p. 18.

encontra na *Perfectae Caritatis*: “busquem e amem antes de tudo Deus que primeiro nos amou e procurem em todas as circunstâncias cultivar a vida escondida com Cristo em Deus”¹⁵.

De modo que, o encontro com Jesus é central para a Espiritualidade Cristã. Ao se olhar a condição de criatura, da pessoa humana nada mais é do que um chamado que Deus o orienta a existir no mundo e na história. Da mesma forma, pela graça, Deus também chama o ser humano a participação em sua própria vida trinitária. Portanto, a identidade mais profunda da criatura humana é determinada pelo fato de que ela é um ser finalizado em Deus, isto é, que existe para conhecer e amar a Deus, o último de sua existência. Não surpreende, portanto, que o Concílio Vaticano II tenha escolhido a noção de vocação como fundamento antropológico para falar ao mundo contemporâneo da luz com a qual a fé cristã ilumina a história e o destino humano.

Com efeito, o título da primeira parte da *Gaudium et Spes* é o seguinte: “A Igreja e a vocação do homem”. Nesta parte, o documento conciliar explica, à luz da Revelação, e utilizando precisamente a categoria vocacional, qual é a verdadeira identidade do ser humano: “A fé ilumina tudo com nova luz e manifesta o plano divino em toda a vocação do homem. Por isso, orienta a mente para soluções plenamente humanas”¹⁶. A fé não apenas transcende, mas também enriquece a compreensão humana sobre si mesmo e sobre o mundo. Mais adiante, o Concílio ensina que a vocação integral do homem não se esgota na sua condição meramente racional, mas implica também um chamado à união com Deus:

A razão mais sublime da dignidade do homem consiste na sua vocação à união com Deus. É desde o começo da sua existência que o homem é convidado a dialogar com Deus: pois, se existe, é só porque, criado por Deus por amor, é por Ele por amor constantemente conservado; nem pode viver plenamente segundo a verdade, se não reconhecer livremente esse amor e se entregar ao seu Criador¹⁷.

É profunda a reflexão sobre a dignidade humana, afirmando que ela encontra sua razão mais elevada na vocação à comunhão com Deus. Revelando que o ser humano não apenas foi criado por amor, mas é sustentado continuamente por esse mesmo amor divino e que sua realização plena só acontece quando responde livremente a esse chamado. Em outras palavras, desde o nascimento, o homem é convidado a dialogar com Deus. Existe pura e simplesmente por causa do amor de Deus, que o criou, e pelo amor de Deus, que o mantém. E só se pode dizer que ele vive na plenitude da

¹⁵ PC 6.

¹⁶ GS 11.

¹⁷ GS 19.

verdade quando reconhece esse amor e se entrega totalmente ao seu Criador. Finalmente, a Constituição Conciliar ensina, a este respeito, que a única vocação do homem é a vocação divina:

Na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente. Adão, o primeiro homem, era efetivamente figura do futuro, isto é, de Cristo Senhor. Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime. (...). E o que fica dito, vale não só dos cristãos, mas de todos os homens de boa vontade, em cujos corações a graça opera ocultamente. Com efeito, já que por todos morreu Cristo e a vocação última de todos os homens é realmente uma só, a saber, a divina, devemos manter que o Espírito Santo a todos dá a possibilidade de se associarem a este mistério pascal por um modo só de Deus conhecido(...) para que, tornados filhos no Filho, exclamemos no Espírito: Abba, Pai¹⁸.

Afirma-se que o mistério do ser humano só se esclarece à luz do mistério do Verbo Encarnado, ou seja, de Cristo. Ao revelar o amor do Pai, Cristo, o novo Adão, revela também o homem ao próprio homem, iluminando sua vocação divina. É uma afirmação central da antropologia cristã e da missão da Igreja no mundo. Faz sentido quando Catão afirma que “o que caracteriza e situa a teologia da espiritualidade cristã é a pessoa com Jesus”¹⁹. No segundo capítulo de seu livro, intitulado Encontro com Jesus, o autor descreve esse encontro como momento único e transformador na vida do cristão. O encontro com Jesus é reservado, pois acontece no âmbito da interioridade, mas se reflete na vida comunitária e na relação com o próximo. Segundo Catão, “o encontro com Jesus é o encontro com Deus e vice-versa, qualquer que seja a cultura ou a religião em que se realize”²⁰. Jesus é o modelo da humanidade reconciliada com Deus. Nele, se vê o que significa ser plenamente humano: viver em comunhão com o Pai, em serviço aos irmãos, em liberdade interior e em obediência amorosa.

Temos um caminho a seguir, contudo é decisivo estar seguro de que o primeiro caminho é de Deus. O segundo caminho seguro de acordo com a vontade de Deus é acolher o outro. Sempre que o outro aparece diante de nós surge o compromisso ontico de acolhê-lo ou até mesmo de rejeitá-lo. Mas deve-se ter em mente que o outro provoca em nós os dois valores humanos básicos sem os quais torna-se frágil a convivência humana: a justiça e o amor.

A Justiça aqui visa considerar o outro como meu semelhante, sobretudo sem discriminação e exclusão. Ser diferente não é ser desigual em nossa humanidade. O outro valor de peso é o amor. Ter este encontro com Jesus requer primeiramente amar o outro: “amar o outro como a ti mesmo” (Mt 22,39). Ao rejeitar o outro e nos fecharmos em nós mesmos nos empobrecemos porque afirma-se

¹⁸ GS 22.

¹⁹ CATÃO, Francisco, *Espiritualidade Cristã*, p.

²⁰ CATÃO, Francisco, *Espiritualidade Cristã*, p. 28.

somente a nossa própria identidade e nossos valores negando os demais. Não se trata apenas de admirar Jesus, mas de assumir seu estilo de vida, seus valores, sua missão. Isso implica uma espiritualidade encarnada, marcada pela cruz, pela compaixão, pela esperança e pela entrega. Nele, o ser humano encontra sua verdade, sua vocação e sua plenitude.

A Espiritualidade Cristã é, portanto, viver em Cristo, deixar-se transformar por Ele e participar de sua missão no mundo. Esse segmento é vivido na história, nas relações, nas escolhas concretas. É uma Espiritualidade que une oração e ação, contemplação e compromisso, silêncio e profecia. O caminho a seguir de acordo com Deus é servir e amar os pobres, os famintos e os sedentos. É aquele amor que se denomina compaixão. É o que te chama a sofrer junto sem deixar alguém sozinho em sua necessidade.

Temos a missão de tornar a vida mais humana e ter compaixão é extremamente o que diz o padre jesuíta, Adroaldo Palaoro: “compaixão, é o ‘padecer com’, ‘sentir com’, ‘abraçar com’, ‘afetar-se com’”²¹. Qualquer termo que se refere à compaixão deixa claro um ponto em comum que é a humanidade. Aqui a igualdade e a fraternidade caminham lado a lado com ela. É o sentir com o outro e saber compartilhar aquele amor que Cristo sempre ensinou. É enxergar o sofrimento do irmão, buscando sempre agir através de uma ação bondosa e serviçal. É desempenhar o papel que permite ir além e não ficar refém do ego. O ego acorrenta e impossibilita de compartilhar com o semelhante tornando o homem individualista.

O individualismo leva ao egocentrismo, à indiferença e à intolerância. Ao exercer a compaixão o ser humano esvazia-se, fica mais compreensivo e ativa sua capacidade de romper em definitivo com o “eu” que sempre nos acompanha. Em vista disso, o Pe. Adroaldo, faz o seguinte comentário: “Buscar o tesouro que somos”, ele diz: “o Evangelho não se impõe pela força, ele deve ser contagiado por aqueles que vivem ao estilo de Jesus, tornando a vida mais humana”²².

Lucas conservou em seu Evangelho algumas expressões repletas de afeto, dirigidas por Jesus, quando este resume a Lei e afirma que para ter a vida eterna é preciso amar a Deus de todo coração, alma, forças e amar o próximo como a si mesmo: “Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, com toda a tua força e de todo o teu entendimento; e a teu próximo como a ti mesmo” (Lc 10,27). Respondendo de acordo com o grande mandamento.

²¹ PALAORO, Adroaldo, Entrevista com Padre Adroaldo. Entrevista concedida à TV Redentor.

²² PALAORO, Adroaldo, Entrevista com Padre Adroaldo. Entrevista concedida à TV Redentor.

Philippe Haddad extrai dessa passagem a seguinte reflexão:

Em Lucas 10,27 os dois versículos serão citados no início pelo doutor da lei e Jesus o confirma com alegria. Somente Jesus poderia com certeza responder (...). Primeiro, observemos que o mandamento de amar a Deus não vem de Deus, mas de Moisés no início de seu discurso testamentário, o Deuteronomio. Ao contrário, o mandamento de amar seu próximo, procede, ele sim, de Deus, porque está no coração do Levítico, coração do Pentateuco. Deus pede para amar o ser humano (todo ser humano), em seguida um homem (Moisés) pede para amar a Deus com todas as suas capacidades humanas. Jesus, mais de uma vez, na continuidade do ensinamento de Moisés (...). Quando o Eterno pede “amarás teu próximo como a ti mesmo”, tudo se passa como se Deus pedisse: “Me ame, amando teu próximo”. Dividindo em dois tempos a sua resposta, o Jesus de Mateus nos torna sensíveis a esse último amor para testemunhar em retorno para o nosso Pai que está nos Céus. Nenhum amor a Deus pode ser possível se não for acompanhado de amor para com os outros. Não é possível haver uma religião sem fraternidade. Jesus denuncia aqui a fuga do relacional pela procura de sua própria salvação individual²³.

Ou seja, é ter constantemente como meta a prática do amor. Entretanto, sabe-se que muitas vezes é preciso tempo para entender verdadeiramente o significado de determinados acontecimentos. Muitos ainda não entendem que a imagem de Deus em sua criatura é a ligação de afinidade viva com Ele. A imagem divina no ser humano é transformada pelo pecado, no entanto não se perde, visto que o ser humano exclusivamente existe à medida que se encontra preparado para relacionar-se com Deus. Entende-se que o ser humano não perde a imagem segundo a qual foi criado e fora da qual não existiria mais existência.

Neste encontro reservado com Jesus, torna-se exclusivamente importante entender que o Deus da revelação cristã é o Deus que criou o mundo por amor. Ele foi o início, o começo, o Criador de tudo e de todos. Ele vem ao ser humano e tem com ele uma relação de comunhão. Essa relação não significa a dominação de um sobre o outro. Ao contrário, a presença de Deus sempre nos vivifica. Nos dá vida e nos revigora para que possamos estar sempre em relação com o Pai que se manifestou perfeitamente em seu Filho.

O Espírito Santo é a relação originária e eterna que procede do Pai e do Filho, constituindo o vínculo de comunhão entre ambos, fundamento trinitário que revela a unidade no amor e sustenta toda a dinâmica relacional da vida divina. Segundo Mondoni, Deus sempre foi e será amor:

A Palavra de Deus dirigida aos seres humanos é uma Palavra de amor. Trata-se de um amor (ágape) no qual Deus é o sujeito; o amor a Deus (eros) é o amor que tem a Deus por objeto, ou seja, o amor no qual Deus pode ser amado. O amor com o qual Deus ama não requer uma

²³ HADDAD, Philippe. Fraternidade ou a Revolução do Perdão, p. 126-127.

necessidade a ser suprimida: ele torna os seres amáveis, amando-os; ama com o amor que pertence somente a si: Ele é amor²⁴.

Quando se ama o outro, o ser humano torna-se filho de Deus, caso contrário não se poderia pretender amar a Deus, sem amar o próximo ou mesmo nosso irmão de quem ele é Pai. O amor do irmão sucede do amor a Deus. Por meio da fé se permite contribuir em uma trajetória única e significativa com Deus e também a viver numa relação pessoal e abundante com Ele.

Uma vez que se é criado a imagem de Deus, é louvável sempre ter em si a habilidade de amar e doar-se. Sabe-se que o ser humano não é Deus, daí ser limitado, mortal, com imperfeições e deve estar sempre atento ao chamado à comunhão com Deus. Deixar-se conduzir pelo Espírito que o levará ao Filho que nos apresenta constantemente o coração do Pai. Nas palavras de Mondoni²⁵, ser criado à imagem de Deus é ter em si a capacidade de amar. No Espírito o ser humano é introduzido na singularidade divina. O Espírito de Deus torna-se em nós uma fonte de amor; pois não somos chamados somente a um face a face com Deus.

Neste encontro reservado com Jesus convém dar destaque ao amor incondicional de Jesus Cristo, fruto de sua fidelidade à ação do Espírito de amor do Pai, “e a esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5).

2.3 A Universalidade da Espiritualidade Cristã

A Espiritualidade Cristã não se restringe a um grupo ou cultura especial. Catão aborda esse tema nos capítulos 1 e 4 de sua obra²⁶, destacando que a Espiritualidade Cristã encontra na história uma de suas fontes fundamentais, alicerçada no seguimento de Jesus e no testemunho das primeiras comunidades cristãs. Essa Universalidade Cristã dialoga com diferentes realidades e contextos, contribuindo para a construção de uma sociedade mais fraterna.

Ainda de acordo com a Tradição, a Espiritualidade Cristã é essa relação pessoal com Deus: Pai e Filho e Espírito Santo. O Deus transcendente não permaneceu distante, mas saiu de si, manifestou-se e comunicou sua própria vida ao ser humano. Ele não apenas criou o ser humano, mas

²⁴ MONDONI, Dimensões básicas da Vida Espiritual Cristã, p. 97.

²⁵ MONDONI, Dimensões básicas da Vida Espiritual Cristã, p. 98.

²⁶ CATÃO. Francisco, Espiritualidade Cristã, p.17-22; 92-97.

também se fez presente nele, por meio do dom do Espírito Santo. É esse Espírito que, ao identificar o ser humano com Cristo, o Filho de Deus feito homem, conduz à união íntima e filial com Deus Pai. Participar deste mistério é partir da experiência recebida por Jesus e de agir à Sua semelhança, homem que foi iluminado pela Palavra de Deus. Torna-se necessário dar o sim ao Pai no Espírito, que se concretiza na fé, esperança e no amor com que se acolhe Jesus na vida.

A Universalidade da experiência cristã realiza-se a partir desta comunhão com Deus por intermédio do próprio Jesus. Nas palavras de Catão: “a experiência cristã não é, em primeiro lugar, a experiência que fazemos de estar unidos a Jesus na fé, na esperança e no amor, mas a experiência que o próprio Jesus viveu humanamente na sua relação com o Pai”²⁷. Por isso, São Paulo afirma que o ser humano é composto de “espírito, alma e corpo” (1Ts 5,23). Nessa tríade, “corpo” representa nossa dimensão física e terrena; “alma” refere-se à capacidade de sentir, perceber e conhecer; e “espírito” expressa a vida do homem em comunhão com Deus, vivificado e atraído por Ele. Essa visão integral reconhece a vocação humana à transcendência e à participação na própria vida divina. Sabemos que o ser enquanto criatura é um fruto do amor de Deus, principalmente o ser cristão. Jesus praticava uma ação humana livre, plena de caridade e amor. Amar o outro é querer que ele exista.

É nesse horizonte que se compreende a Universalidade da vida espiritual. A Espiritualidade não é uma experiência isolada ou elitista, mas uma dimensão constitutiva de todo ser humano. Como afirma a *Gaudium et Spes*, “o mistério do homem só se esclarece verdadeiramente no mistério do Verbo encarnado”²⁸. Todo ser humano, criado à imagem de Deus, é chamado à comunhão com Ele e, por isso, a Espiritualidade é um chamado universal, que atravessa culturas, épocas e condições sociais. A vida espiritual, portanto, é universal porque responde ao anseio mais profundo do coração humano: o desejo de sentido, de verdade, de amor e de comunhão. Pois, “tudo o que existe na terra deve ser ordenado ao homem como seu centro e cume”²⁹, mas também lembra que o ser humano só se realiza plenamente ao doar-se sinceramente aos outros³⁰.

Essa abertura ao outro e ao totalmente Outro é o núcleo da Espiritualidade Cristã e é o que a torna verdadeiramente Universal. Nesta perspectiva, pode-se compreender quando São Francisco de Assis exprimiu na sua famosa oração da paz, o amor fraterno despojando-se de tudo. Esta oração

²⁷ CATÃO. Francisco, *Espiritualidade Cristã*, p. 96.

²⁸ GS 22.

²⁹ GS 12.

³⁰ GS 24.

torna-se uma ferramenta para levar o amor, perdão, união, fé, verdade, esperança, alegria e luz. Partindo desse pensamento é oportuno acrescentar a compreensão de Leonardo Boff sobre o que é o verdadeiro amor:

O amor é a força maior existente no universo, nos seres vivos e entre os humanos. Porque o amor é uma transformação. Não há felicidade fora do amor, sem a experiência de amar e de ser amado. O amor se orienta sempre pelo ouro e estabelece com ele uma relação de aliança, de amizade e de amor³¹.

Assim sendo, devemos considerar o outro um nosso semelhante e fazer-lhe aquilo que gostaríamos que fizesse conosco. Somos diferentes, porém não somos desiguais em nossa humanidade. Leonardo Boff diz: “o amor move o céu, todas as estrelas e nossos corações”³². É notório observar que só o amor faz dos distantes próximos. O amor vem de Deus, o amor é o próprio Deus. Catão ressalta que “somos todos chamados a viver como cristãos”³³. E para a fé cristã Deus é amor absoluto já que é um Deus presente e atuante na história.

A afirmação de que “Deus é amor” se torna absoluta e universal, contudo, abstrata e atemporal. São João diz: “Deus amou tanto o mundo que deu o seu Filho único” (Jo 3,16). Esse amor é o mesmo em Deus e em nós, mas apenas a sua qualidade é infinitamente diferente. Convém sinalizar que Deus nos criou por amor, que é um Pai infinitamente misericordioso, é o Deus, enfim, revelado em Jesus Cristo. A Trindade revelou-se plenamente por intermédio do Filho: “ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar” (Mt 11,27).

O amor do Pai torna-se visível no Filho, do Filho, pela obra do Espírito Santo chega até nós e de nós sempre pela obra do Espírito Santo, deve se refletir no próximo: “da forma que meu Pai me amou, eu também amo-vos (...). Amem-se uns aos outros, assim como eu amei a vocês” (Jo 15,9-12). É mister aqui ressaltar a contribuição de Gianfranco Ravasi:

É um amor que parte do Pai (Jo 10,17), manifesta-se em Jesus que nos ama até o fim (Jo 13,1), no sacrifício da cruz (a “Hora”) e se irradia nos discípulos, tornando-se o sinal distintivo de sua pertença a Cristo: “Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros. Nisso reconhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13,34s.). Assim é possível intuir qual seja o centro da moral e da existência cristã, segundo João: “E este é o mandamento que dele recebemos aquele que ama a Deus, ame também o seu irmão” (1Jo 4,21; cf. 3,23). Quem negar Cristo “vindo na carne” - segundo as primeiras tendências gnósticas refletidas polemicamente nos escritos joânicos - nega, conseqüentemente, o compromisso

³¹ BOFF, Leonardo, A Espiritualidade, o Amor, p. 100-101.

³² BOFF, Leonardo, A Espiritualidade, o Amor, p. 102.

³³ CATÃO, Francisco, Espiritualidade Cristã, p. 96.

do amor na História. Por isso, João repete com insistência o apelo ao amor recíproco e total (Jo 13,34s.; 14,15.21; 15,10.12.17;) e a “fazer a verdade” (Jo 3,19-21)³⁴.

Portanto, o amor rompe fronteiras e também busca a comunhão o mais universal possível, quem ama não se fecha em si mesmo e procura ir sempre mais além. Isto é, a comunhão universal, olhar para todas as periferias humanas. Nesse sentido, afirma o Papa Francisco que “por sua própria dinâmica, o amor exige uma progressiva abertura, uma maior capacidade de acolher os outros, em uma aventura sem fim, que faz convergir todas as periferias rumo a um sentido pleno de mútua pertença”³⁵. Desse modo, a universalidade da Espiritualidade Cristã se manifesta, assim, como um chamado à comunhão entre os seres humanos e com Deus. Ela rompe barreiras culturais, sociais e históricas, e afirma que todo homem e toda mulher, em qualquer tempo e lugar, é capaz de acolher o dom do Espírito e viver em plenitude.

Conforme a *Gaudium et Spes*, que rejeita qualquer espiritualidade alienante, afirma que o cristão é chamado a viver sua fé no coração do mundo, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, fraterna e pacífica. A espiritualidade cristã é, portanto, histórica, encarnada e transformadora, e a “Igreja, ao mesmo tempo que ajuda o mundo e dele recebe muito, tem um único fim: que venha o Reino de Deus”³⁶. E a antropologia cristã apresentada em *Laudato Si'* desperta para a interconexão de todas as coisas. O ser humano é chamado a viver em comunhão com a natureza, com os outros e com Deus. Portanto, essa Espiritualidade é relacional, ecológica e encarnada porque “tudo está interligado, como se fôssemos todos parte de uma única família”³⁷.

³⁴ RAVASI, Gianfranco, A Bíblia e a Espiritualidade, p. 89.

³⁵ FT 95.

³⁶ GS 45.

³⁷ LS 92.

3. O PAPA FRANCISCO E A AMIZADE SOCIAL

Este capítulo partirá da encíclica *Fratelli Tutti*, do Papa Francisco, apresentar-se-á a Amizade Social como caminho para superar a indiferença e construir uma sociedade mais justa e fraterna. Ele afirma que “a amizade social é o caminho para a paz e o desenvolvimento de todos os povos”³⁸. Essa amizade está fundamentada no compromisso com o bem comum, na escuta, no diálogo e na inclusão dos mais vulneráveis. Inspirada também pela *Laudato Si'*, que trata da casa comum como espaço de vida compartilhada, a *Fratelli Tutti* amplia essa visão ao propor uma fraternidade ativa³⁹. O Papa Francisco defende uma responsabilidade coletiva que deveria unir toda a família humana em torno de um desenvolvimento sustentável e integral⁴⁰. O que levará a uma Fraternidade Universal, que vem a ser o coração da mensagem de *Fratelli Tutti*. Papa Francisco afirma que “ninguém pode enfrentar a vida de forma isolada”⁴¹, e convida a humanidade a essa fraternidade que transcende barreiras culturais, religiosas e sociais, celebrando a diversidade como riqueza⁴².

O Papa Francisco buscou afirmar que “o amor nos coloca em tensão para a comunhão universal”⁴³, e que “todo ser humano tem o direito de viver com dignidade e desenvolver-se integralmente”⁴⁴. De modo que se faz necessário a construção de uma Amizade Social, onde enfrentará desafios como o individualismo e a indiferença. o Papa propõe uma Espiritualidade que valoriza o encontro e o cuidado, inspirada na parábola do Bom Samaritano (Lc 10,25–37), que ele considera “um ícone iluminador”. Essa Espiritualidade exige abertura contínua, caridade ativa e compromisso com os mais frágeis⁴⁵. Onde o ser humano é chamado a amar como Deus ama, construindo sua identidade na relação com o outro⁴⁶. Pois o amor é a chave que permeia todos os atos em favor do próximo, como demonstrado por Jesus, que jamais exclui alguém (Mc 8,22–26; Mt 8,1–4). São Paulo expressa essa Espiritualidade ao afirmar que “já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). A Fraternidade, portanto, não é uma ação isolada, mas uma vivência

³⁸ FT 154.

³⁹ FT 70.

⁴⁰ FT 17.

⁴¹ FT 8.

⁴² FT 100.

⁴³ FT 95.

⁴⁴ FT 107.

⁴⁵ FT 91.

⁴⁶ FT 88.

comunitária da fé, que busca a dignidade, a solidariedade e a caridade entre todos. Como ensinam as Escrituras (Sl 133,1; Mt 5,9; Ef 4,3–6; Rm 2,11; 1Jo 3,17–18; Tg 2,15–17; Hb 13,1–2), esse é o caminho da conversão e da construção de um mundo mais justo e humano.

3.1 Amizade Social na perspectiva do Papa Francisco

O Papa Francisco, em sua encíclica *Fratelli Tutti*, apresenta a Amizade Social como caminho para superar a indiferença e construir uma sociedade mais justa e fraterna. Segundo o Pontífice, “a amizade social é o caminho para a paz e o desenvolvimento de todos os povos”⁴⁷. Essa proposta convida todos a transcender as diferenças e a buscarem o bem comum. Desse modo, a *Laudato Si'* fala da casa comum como espaço de vida compartilhada, e a *Fratelli Tutti* aprofunda essa ideia com o conceito de Amizade Social, que é a capacidade de construir relações justas, pacíficas e inclusivas, uma Fraternidade que é o fundamento da paz duradoura⁴⁸. Nesse horizonte, vive-se não apenas na contemplação da natureza, mas também no compromisso com a justiça social, com os imigrantes, os pobres e os esquecidos.

A encíclica *Fratelli Tutti* anuncia ao mundo uma proposta repleta de responsabilidade coletiva que possa levar a Fraternidade e a Amizade Social, diante dos males que acabam ameaçando a paz no mundo. É urgente e grande o desafio de proteger a nossa casa comum que inclui a preocupação de unir toda a família humana não esquecendo ir em busca de um desenvolvimento sustentável e integral.

Para se construir uma sociedade mais solidária e afetuosa e superar a indiferença, o Papa Francisco destaca a importância do diálogo e da Amizade Social, na busca pelo acolhimento das necessidades do outro e ações para o bem comum. Aqui todos devem ser e viver como irmãos e irmãs que desejam trabalhar juntos pelo bem comum. A Amizade Social nos leva ao encontro do outro e acima de tudo, em nome do Evangelho. É por meio dele que o espaço é aberto para a Amizade Social e para a Fraternidade. A encíclica chama e clama a todos para a responsabilidade do ser humano e do cuidado da casa comum. Uma responsabilidade de todos homens e mulheres de todas as nações e principalmente de todas as religiões.

⁴⁷ FT 99.

⁴⁸ FT 228.

A religião tem seu papel que deve ser uma experiência de fé e não como propósitos ideológicos e a Igreja devendo ser o lugar de escuta, chamada a ser presença transformadora, esperançosa do Reino de Deus, que é o Reino que nos insere na verdade e na vida e ao mesmo tempo é o reino do amor e da paz. Pois é certo, que “o Reino de Deus está no meio de nós e, portanto, transparece nos sinais do mundo e da História (...) no grande gesto de amor de um samaritano, nos pecados perdoados de um publicano arrependido”⁴⁹. A Igreja é o lugar da escuta e também do acolhimento.

A partir das considerações precedentes acerca da Amizade Social, pode-se intuir que o Papa Francisco elabora a Amizade Social como um novo modelo de se pensar a humanidade, que exerça a empatia, colocando-se no lugar do outro sem julgamentos ou preconceitos em vez de fomentar o ódio. Na obra *o Novo Humano*, Moisés Sbardelotto afirma que “cada integrante da rede é chamado a ser um artífice da paz, integrando e não excluindo, unindo e não dividindo”⁵⁰.

A Amizade não é uma experiência egoísta e solitária, contudo deve nos unir na fé de que Deus criou todos os seres humanos iguais no direito, no dever e, principalmente, na dignidade e que todos foram chamados a conviver entre si como irmãos. Aqui se faz necessário pensar que o cristão é convocado a uma maior participação nos sofrimentos alheios.

3.2 A Fraternidade Universal na Encíclica *Fratelli Tutti*

O conceito de Fraternidade Universal é central na proposta do Papa Francisco, a Encíclica afirma que “ninguém pode enfrentar a vida de forma isolada”⁵¹, destacando a importância da solidariedade e do diálogo entre diferentes culturas e religiões. Logo, a Fraternidade Universal é apresentada como resposta aos desafios contemporâneos, como a exclusão social e a violência. Ao afirmar a importância da Fraternidade, Papa Francisco lembra que “sonhemos como uma única humanidade, como caminantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que nos alberga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos”⁵².

⁴⁹ RAVASI, Gianfranco. Linhas bíblicas da experiência espiritual, p. 81-82.

⁵⁰ SBARDELOTTO, Moisés, *O Novo Humano*, p. 231-281.

⁵¹ FT 66.

⁵² FT 8.

Para tal instrução, é importante afirmar que o Papa Francisco quando fala em sonhar com uma única humanidade, ele está a chamar a todos a perceber que somos um só povo, juntos por uma identidade comum. Apesar das diferenças todos nós fazemos parte de uma mesma família humana. Esta única humanidade aqui destacada é um chamado à Fraternidade, à Solidariedade e ao Respeito mútuo, onde todos são enxergados como irmãos e irmãs.

O Papa Francisco nos convida a superar as barreiras culturais, religiosas, raciais e sociais que acabam nos separando e a trabalhar por um mundo mais inclusivo. Buscar a Fraternidade Universal é responder aos desafios contemporâneos como a exclusão social e a violência, mas principalmente uma celebração da riqueza que a diversidade traz. Em suma, o Papa Francisco clama a que todos se sintam parte de um “nós” maior, onde a unidade e a fraternidade superam as divisões e a exclusão.

É mister lembrar que todos os trabalhos que envolveram a Amizade Social proposta pelo Papa Francisco na sua encíclica *Fratelli Tutti* e amplamente trabalhada na Campanha da Fraternidade de 2024, protestavam pela notoriedade do amor ao próximo sobretudo no que diz respeito ao afeto e o respeito mútuo que é fundamental em todas as relações. No decorrer de tantas diversidades, faz-se urgente e necessário a solidariedade entre as pessoas que vai além dos laços familiares e abrange a todos os seres humanos.

Enxergar o outro é imprescindível para o convívio e a harmonização das relações sociais. A Fraternidade Universal na *Fratelli Tutti* remete à união e ao respeito que são inevitáveis para a construção de uma sociedade mais justa e humana que leve em conta a distribuição igualitária de direitos e oportunidades, sem arbitrariedade. Nessa encíclica, o Papa Francisco põe em evidência temas muito importantes, como a progressiva abertura do amor:

Enfim, o amor coloca-nos em tensão para a comunhão universal. Ninguém amadurece nem alcança a sua plenitude, isolando-se. Pela sua própria dinâmica o amor exige uma progressiva abertura, maior capacidade de acolher os outros, numa aventura sem fim, que faz convergir todas as periferias rumo a um sentido pleno de mútua pertença. Disse-nos Jesus: vós sois todos irmãos (Mt 23,8)⁵³.

Para o Papa Francisco a linguagem universal é a do amor. É o amor que vai além, e ultrapassa qualquer desigualdade. Não se limita, mas busca alinhar-se com valores de dignidade e solidariedade, transcende barreiras para construir uma vida mais digna para todos. Quanto a isso, outro tema é evidenciado por Francisco, o amor universal que promove as pessoas:

⁵³ FT 95.

Todo ser humano tem o direito de viver com dignidade e desenvolver-se integralmente, e nenhum país lhe pode negar este direito fundamental. Todos o possuem, mesmo quem é pouco eficiente porque nasceu ou cresceu com limitações. De fato, isto não diminui a sua dignidade imensa de pessoa humana, que se baseia, não nas circunstâncias, mas no valor do seu ser. Quando não se salvaguarda este princípio elementar, não há futuro para a fraternidade nem para a sobrevivência da humanidade⁵⁴.

3.3 Desafios e propostas para uma Espiritualidade da Amizade Social

O Papa Francisco reconhece que a construção da Amizade Social enfrenta desafios, como a indiferença e o individualismo. Desse modo, ele propõe que “a verdadeira amizade social exige o reconhecimento do outro como irmão”⁵⁵. Essa proposta está fundamentada na Espiritualidade Cristã, que valoriza o encontro e a comunhão com o próximo.

A Fraternidade vai crescendo à medida que se aprende a enxergar a própria realidade e a realidade do próximo, indo além de si, isto é, saindo de si, digo, esvaziando-se e percebendo as necessidades do outro. O Papa Francisco nos indica o caminho da abertura como o de Deus e de Seu Filho amado que sempre está a nos oferecer gratuitamente o seu paternal cuidado⁵⁶. Na Encíclica ele nos oferece uma reflexão sobre o bom samaritano, com o título: “Um estranho no caminho”, e nela o Papa refere-se que, numa sociedade com mente doentia que se opõem à dor do outro, torna-se analfabeta no cuidado dos mais frágeis e vulneráveis e afirma que “diante de tanta dor à vista de tantas feridas, a única via de saída é ser como o bom samaritano”⁵⁷.

A indiferença não é bem vista por Deus, já que somos todos chamados a estar próximos uns dos outros⁵⁸, superando toda e qualquer forma de preconceito. O texto do evangelista Lucas 10, 25-37, o Bom samaritano é aqui destacado para fazer ressurgir a vocação do cuidado e do respeito ao outro. Faz perceber e abre os olhos para a incapacidade de ver as causas da indiferença, já que os pobres se tornam invisíveis e são sempre estigmatizados. Ainda dentro deste tema, “pensar e gerar um mundo aberto”⁵⁹, faz-se necessário destacar três aspectos: (1) o ser humano é um ser de amor de abertura contínua, (2) o projeto de liberdade, igualdade e fraternidade, (3) a solidariedade e os direitos sem fronteiras.

⁵⁴ FT 107.

⁵⁵ FT 94.

⁵⁶ FT 87-88.

⁵⁷ FT 67.

⁵⁸ FT 81.

⁵⁹ FT 87-127.

O ser humano é um ser de amor e de abertura contínua. O ser humano existe por amor e para amar. Se Deus nos ama, ele acaba sendo convidado a amar. Fica difícil viver sem a abertura e sem a presença do outro. O ser humano deve ser entendido como um ser que há de alcançar a plenitude. É um ser que está em busca contínua da realização pessoal. Ele é também um ser aberto, mas inacabado e daí na sua própria unicidade e singularidade, o ser humano não vem pronto. Por isso deve ir construindo permanentemente o seu ser. Vai se revelando à medida que se dirige à um horizonte mais amplo e com isso tornando-se consciente da riqueza de abrir-se mais e mais aos outros. É o momento de sua abertura aos semelhantes.

Segundo o Papa Francisco, somente a caridade, infundida por Deus no coração humano, pode realizar uma dinâmica de abertura às outras pessoas⁶⁰. O amor para o Papa Francisco é boa vontade compreensiva para com todos. O projeto de liberdade, igualdade e fraternidade, citando aqui o iluminismo, movimento do século XVIII, que teve como pano de fundo a revolução francesa, destacou-se como grande fato histórico muito relevante.

Para o Papa Francisco, o amor é a palavra-chave que permeia todos os atos benéficos em prol do nosso semelhante. Ao acolher o outro somos obrigados a procurar sempre o melhor para nossas vidas e com isso tornar possível uma Amizade Social que não exclui ninguém. Jesus em toda sua existência jamais excluiu um irmão. Conduziu sua vida apostólica levando sempre mais vida a todos necessitados. Curou os cegos e aleijados (Mc 8,22-26), no que diz respeito aos leprosos procurou libertá-los de toda uma existência marginalizada e até mesmo desumana (Mt 8,1-4).

Buscar uma identidade cada vez maior com a pessoa de Jesus é fundamental para o cristão. Acima de tudo torna-se importante amadurecer na fé em Cristo que é o mestre da nossa existência, nos tornando cada vez mais humanos. São Paulo viveu e expressou esta realidade quando disse que “já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. Minha vida presente na carne, eu a vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim” (Gl 2,20).

Segundo Miranda: “o amadurecimento na fé significa, entretanto, não só um progresso ‘religioso’, mas também um crescimento como pessoa humana”⁶¹. Na *Fratelli Tutte* fica claro que esta “Amizade Social”, que o Papa Francisco destacou, pensa numa humanidade fraterna e humana completamente diferente do mundo doentio no qual nos encontramos. A Amizade Social proposta

⁶⁰ FT 91.

⁶¹ MIRANDA, Mario de França, *Existência Cristã Hoje*, p. 34.

pelo Papa Francisco convida todos a assumir a dor dos mais fracos e dos mais carentes e a deixar de lado qualquer discurso de ódio e ressentimento que envenena a alma ou o espírito. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) sinalizou tal urgência, como o tema da Campanha da Fraternidade de 2024: “Fraternidade e Amizade Social” e com o lema “vós todos sois irmãos e irmãs”, de Mt 23,8: “Quanto a vós, não permitais que vos chamem ‘Rabi’, pois um só é o vosso Mestre e todos vós sois irmãos”.

Para tal compreensão, é urgente mostrar que Fraternidade significa união fraternal entre todos e todas. Não é uma ação individual e isolada ou até mesmo egoísta, todavia almeja trabalhar para nos unir na mesma fé em que somos todos iguais em busca de uma dignidade onde todos os seres humanos cristãos sejam convocados a agir ativamente e fraternalmente com caridade e solidariedade. É o que Deus determinadamente nos ensinou (Sl 133,1; Mt 5,9; 25,40; Jo 13,34-35; Ef 4,3-6; Gl 3,28; Rm 2,11; 1Jo 3,17-18; Tg 2,15-17; Hb 13,1-2).

De acordo com o Papa Francisco, este é o caminho que o cristão deve seguir para a garantia da conversão. Torna-se urgente e importante conhecer a proposta do Concílio Vaticano II e da encíclica *Fratelli Tutti* e, sobretudo, conhecer as situações sociais e culturais nas quais estava inserida a amizade social do Papa Francisco.

Na *Fratelli Tutti*, a Amizade, esse sentimento sincero de estima entre as pessoas, é um novo despertar que surge a partir das relações fraternas e que nos impulsiona a ir além e construir a Amizade Social tão necessária para um mundo melhor.

4.

ESPIRITUALIDADE CRISTÃ E AMIZADE SOCIAL

Neste capítulo ver-se-á a tentativa de demonstrar que a espiritualidade cristã, fundamentada no encontro com Jesus e na vida comunitária, é a base para a prática da Amizade Social. Uma espiritualidade que é, antes de tudo, uma experiência de comunhão com Deus e com os irmãos. Essa comunhão se traduz em gestos concretos de solidariedade, acolhimento e compromisso com o bem comum. O Papa Francisco reforça que “o amor que se estende para além das fronteiras está na base daquilo que chamamos ‘amizade social’”⁶². É a expressão do amor universal de Deus, que se compadece da humanidade e propõe um projeto de salvação para todos. A parábola do Bom Samaritano (Lc 10,33) ilustra esse amor compassivo, que se rebaixa à condição do outro e serve com empatia. A espiritualidade cristã reconhece o corpo como parte da vida em Deus, como afirma o Concílio Vaticano II: “O homem, ser uno, composto de corpo e alma (...) deve considerar o seu corpo como bom e digno de respeito”⁶³. A Escritura ainda confirma que “Deus é caridade, e quem permanece na caridade, permanece em Deus” (1Jo 4,16); “O amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo” (Rm 5,5).

A comunidade cristã é o espaço onde essa Espiritualidade se concretiza. Como Corpo de Cristo, os fiéis são chamados a servir e a evangelizar, contribuindo com seus dons para o bem comum (Ef 4,15–16). São Paulo ensina que “a ciência incha, mas a caridade edifica” (1Cor 8,1). A vida cristã não é solitária, mas vivida em comunhão, fortalecendo a fé e os princípios do Evangelho. A Amizade Social é uma Fraternidade aberta, que reconhece e valoriza todas as pessoas, independentemente de sua origem ou condição. Por isso, o Diálogo Social é o terceiro pilar dessa vivência. O Papa Francisco propõe o Diálogo como alternativa entre a indiferença e a violência, ele diz que “há uma opção sempre possível: o diálogo”⁶⁴. Do mesmo modo, a *Lumen Gentium* afirma que Deus quis salvar os homens “constituindo-os em povo que O conhecesse na verdade e O servisse santamente”⁶⁵, cuja lei é o amor (Jo 13,34). o Papa propõe a cultura do encontro como base de uma convivência genuína, respeitosa e livre de exclusão⁶⁶. O diálogo é serviço ao bem comum, caminho para a civilização do amor e missão

⁶² FT 99.

⁶³ GS 14.

⁶⁴ FT 199.

⁶⁵ LG 99.

⁶⁶ FT 198–224

da Igreja no mundo plural. Já que a Espiritualidade Cristã, vivida na comunidade e expressa no diálogo, é o caminho para uma Amizade Social que transforma, inclui e humaniza.

4.1 Espiritualidade como base da Amizade Social.

A espiritualidade cristã, fundamentada no encontro com Jesus e na vida comunitária, é base para a prática da amizade social. Segundo Espeja, “a espiritualidade cristã é, antes de tudo, uma experiência de comunhão com Deus e com os irmãos”⁶⁷. Essa comunhão se traduz em gestos concretos de solidariedade e acolhimento.

Faz-se necessário preservar o amor universal, à humanidade toda. Em outras palavras, é fundamental cultivar um amor sem fronteiras: “O amor que se estende para além das fronteiras está na base daquilo que chamamos ‘amizade social’ em cada cidade ou em cada país. Se for genuína, esta amizade social dentro duma sociedade é condição para possibilitar uma verdadeira abertura universal”⁶⁸. Sabe-se que Deus é misericórdia, que por amor e compaixão, se compadece de seu povo, o que justifica seu projeto de salvação para toda a humanidade.

Tomemos, por exemplo, a história do bom samaritano que prestou socorro ao judeu, uma história repleta de lições: “certo samaritano em viagem, porém, chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão” (Lc 10,33). O compadecer-se é justamente abaixar-se à condição do outro, colocar-se como um igual e servir naquela situação. Ou seja, à medida que o indivíduo vai gradativamente, compreendendo que sua humanidade nos aproxima da maneira do agir de Deus, vai tornando-se capaz de ir além.

A pessoa é criada para o amor e com isso descobre-se a si mesma e os outros. Daí sua abertura aos semelhantes. O Papa Francisco afirma que “a partir da intimidade de cada coração, o amor cria vínculos e amplia a existência, quando arranca a pessoa de si mesma para o outro”⁶⁹. Partindo desta citação da Encíclica *Fratelli Tutti*, torna-se necessário uma reflexão acerca de uma realidade social. Neste sentido, todos os cristãos assumem um compromisso mais efetivo com uma Fraternidade aberta, que permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas.

⁶⁷ ESPEJA, Jesús, *Espiritualidade Cristã*, p. 39.

⁶⁸ FT 99.

⁶⁹ FT 88.

A Amizade Social é um sinal expressivo da amizade de Deus conosco e de todos nós com Ele. Logo, precisamos fazer com que o amor de Deus alcance a todos já que o Senhor caminha eternamente conosco. Além disso, favorece nossa ação missionária e evangelizadora, promovendo a conversão e a vivência da Fraternidade em seu sentido mais pleno, aberto e inclusivo. A campanha da Fraternidade é um chamado: “o convite a um amor que ultrapassa as barreiras da geografia e do espaço”⁷⁰.

Assim sendo a caridade de Cristo deve nortear nossas ações, a fim de que a Amizade Social seja uma realidade efetiva decorrente da nossa fé. Segundo o evangelista Mateus, “vós todos sois irmãos e irmãs” (Mt 23,8). Chega-se a um momento onde somente a ação é capaz de romper os obstáculos e as injustiças, abandonando os preconceitos.

Ainda nessa temática e neste tema da Espiritualidade como base da Amizade Social, convém destacar a Espiritualidade Cristã abordada pelo teólogo Jesús Espeja, quando ele afirma que a Espiritualidade Cristã deve ser entendida à luz de uma sensibilidade que reconhece o corpo como caminho para o encontro com Deus e este corpo é a pessoa historicamente situada em Diálogo com os outros⁷¹. Jesús Espeja, em seu livro *Espiritualidade Cristã*, ressalta que a Espiritualidade Cristã foi muitas vezes mal compreendida. Contudo, a Espiritualidade deve ser compreendida no contexto atual, como afirma Jesús Espeja:

Precisamos também conhecer os traços mais relevantes da atual sensibilidade. O próprio Deus criador é salvação e o Espírito que nos torna filho age no coração de todos os poderes humanos e na evolução dos tempos. A nova sensibilidade já é oferta e indicativo de uma espiritualidade que pretenda ser verdadeiramente humana⁷².

Dito isso, pode-se observar que a Espiritualidade é um modo de viver que vai transformando a pessoa no seu interior. Aqui a Espiritualidade Cristã reconhece o corpo como parte da vida em Deus e com isso a dignidade do corpo humano é indispensável à pessoa. No número 14 da Encíclica *Gaudium et Spes*, temos uma citação no que diz respeito ao corpo:

O homem, ser uno, composto de corpo e alma, sintetiza em si mesmo, pela sua natureza corporal, os elementos do mundo material, os quais, por meio dele, atingem a sua máxima elevação e louvam livremente o Criador. Não pode, portanto, desprezar a vida corporal; deve, pelo contrário, considerar o seu corpo como bom e digno de respeito, pois foi criado por Deus e há-de ressuscitar no último dia⁷³.

⁷⁰ FT 1.

⁷¹ ESPEJA, Jesús, *Espiritualidade Cristã*, p. 40.

⁷² ESPEJA, Jesús, *Espiritualidade Cristã*, p. 27.

⁷³ GS 14.

Fica claro que a vida é todo um processo e tudo que determina a vida humana acompanha também a vida espiritual⁷⁴. Jesús Espeja destaca que “o único Espírito que deu vida na criação e falou pelo profeta age no coração de todos os seres humanos”⁷⁵. Para que se possa exercer de fato a Amizade Social, tendo como base a Espiritualidade, é crucial para os fiéis saberem que:

‘Deus é caridade e quem permanece na caridade, permanece em Deus e Deus nele’ (1 Jo. 4,16). Ora, Deus difundiu a sua caridade nos nossos corações, por meio do Espírito Santo, que nos foi dado (cfr. Rom. 5,5). Sendo assim, o primeiro e mais necessário dom é a caridade, com que amamos a Deus sobre todas as coisas e ao próximo por amor d'Ele. [...] E, pois, pela caridade para com Deus e o próximo que se caracteriza o verdadeiro discípulo de Cristo⁷⁶.

Além disso, há um outro destaque citado por Mario de França Miranda sobre a experiência de Deus na atual sociedade. Ele diz:

Deparamo-nos com pessoas que, mesmo sem ser cristãs ou pertencer a nenhuma religião, nem motivadas por quaisquer ideologias, empenham-se no serviço do próximo, na luta por um mundo mais justo, na ajuda aos mais necessitados, na diminuição dos sofrimentos alheios, num compromisso gratuito e desinteressado⁷⁷.

Sabemos que Deus tem um projeto para a humanidade, que por outro lado, conta com a cooperação humana para concretizá-lo. Ao entrar em sintonia com seu projeto do Reino é também estar harmonizado com ele, mesmo não sendo de modo religioso.

Para Miranda, “devemos reconhecer que a ação do Espírito Santo transcende quaisquer muros institucionais de crenças ou descrenças”⁷⁸. Nesta etapa de nossa reflexão podemos constatar que toda a criação tem seu fundamento em Jesus Cristo (1Cor 8,6; Cl 1,15-18; Jo 1,1-3), logo o ser humano é alguém estruturalmente voltado para Deus. O que nos leva à fé ao Pai, no mistério de Deus é obra do Espírito. Esse Deus mistério aparece sempre como um Deus que se doa, como um Deus que é amor (1Jo 4,8). Na verdade, este dinamismo que leva a busca de Deus nunca termina. De acordo com o pensamento de Henri de Lubac: “o homem está para Deus e é onde ele encontra seu sentido e sua plenitude”⁷⁹.

⁷⁴ ESPEJA, Jesús, *Espiritualidade Cristã*, p. 29.

⁷⁵ ESPEJA, Jesús, *Espiritualidade Cristã*, p. 29.

⁷⁶ LG 42.

⁷⁷ MIRANDA, Mario de França, *Existência Cristã Hoje*, p. 26.

⁷⁸ MIRANDA, Mario de França, *Existência Cristã Hoje*, p. 27.

⁷⁹ L'homme est fait pour Dieu, c'est en Lui qu'il trouve son sens et sa plénitude. LUBAC, Henri, *Le mystère du surnaturel*, pg 135.

Dando continuação ao tema da espiritualidade, sabemos que temos nosso corpo, com o qual vivemos e estamos presentes uns aos outros. Com isso, fica claro que estamos em contato com todas as energias da terra e do universo. Como já dito, anteriormente, temos também uma dimensão mais profunda em nós, aquela dimensão que nos possibilita sentir que fazemos e somos parte de um todo maior e que nos ajuda perceber que por detrás de todas as coisas e do inteiro universo existe uma presença amorosa que tudo sustenta e confere sentido a cada gesto.

É notório que a espiritualidade é uma dimensão de cada ser humano, mesmo naquele que não possui nenhuma expressão religiosa, como citado anteriormente. Mas mesmo assim, com religião ou sem religião, busca-se viver no amor, na solidariedade e na compaixão, especialmente com aqueles que mais sofrem.

Este ser humano é também um ser espiritual, já que quanto mais espiritual, mais irradia a bondade que é uma grande célula viva que habita dentro do ser humano. De acordo com Papa Francisco um elo de Fraternidade nos une uns aos outros, somos parentes, todos irmãos e irmãs:

Fraternidade significa mão estendida; fraternidade quer dizer respeito. Fraternidade significa ouvir com o coração aberto. (...) Somos irmãos, nascidos do mesmo Pai. Com culturas e tradições diferentes, mas todos irmãos. E no respeito pelas nossas diferentes culturas e tradições, pelas nossas diversas cidadanias, devemos construir esta fraternidade⁸⁰.

Segundo Leonardo Boff, em seu livro *A Casa Comum*, “pessoa humana, para ser humana, precisa relacionar-se pelos seus três lados”⁸¹: para cima, para fora e para dentro. Ele diz:

e o “para dentro” é o Espírito Santo, que é o entusiasmo que nos faz viver, a inspiração que nos sustenta sonhos de novos mundos, a interioridade que nos dá o sentido de dignidade, a força que fortalece o fraco, a coragem que levanta o caído, a luz secreta que exorciza a escuridão de nosso caminho e que aquece o nosso coração para nunca desanimarmos⁸².

Merece ser destacado o amor, já que não há plena felicidade fora do amor, ou seja, sem a experiência de amar. O amor é essencial, é o nome próprio de Deus, conforme as Escrituras, “Deus é amor (1Jo 4,8) e o amor não morrerá jamais (1Cor 13,8)”⁸³. Podemos perceber que o amor é uma força no universo. Todas as religiões e até mesmo outros caminhos espirituais conferem centralidade ao amor.

⁸⁰ Mensagem do Papa Francisco ao 1º Dia Internacional da Fraternidade Humana, 4 de fevereiro de 2021.

⁸¹ BOFF, Leonardo, *A Casa Comum, a Espiritualidade, o Amor*, 2017, p. 15.

⁸² BOFF, Leonardo, *A Casa Comum, a Espiritualidade, o Amor*, 2017, p. 15.

⁸³ BOFF, Leonardo, *A Casa Comum, a Espiritualidade, o Amor*, 2017, p. 100.

O amor é a força maior existente entre nós humanos, visto que o amor é uma força de união e transformação. O amor deve sempre se orientar pelo outro. Amar o outro é querer que ele exista, posto que o amor torna o outro importante.

4.2 A Comunidade Cristã e a Prática da Amizade Social

A comunidade cristã é chamada a viver a amizade social como expressão de sua espiritualidade. Miranda destaca que “a experiência de Deus se concretiza no encontro com o outro”⁸⁴. Assim a prática da amizade social é fruto da vivência autêntica da espiritualidade cristã. Todos os cristãos são chamados a viver segundo o Evangelho, o que inclui amar e servir a Deus, praticar o amor ao próximo, viver com integridade, acima de tudo ter firmeza no que se refere aos valores cristãos.

Como membros do Corpo de Cristo, é importante participar da vida em comunidade, servindo e usando seus dons para o bem-estar de todos. Todos foram convidados a vivenciar e compartilhar esse amor influenciando e transformando vidas por meio de ações de amor, justiça e misericórdia. A Igreja sempre foi edificada com amor/caridade. Seu crescimento sempre foi determinado pelo crescimento na caridade, já que a caridade edifica, conforme cita a Escritura: “mas o crescimento incha, ao passo que a caridade edifica” (1Cor 8,1).

Mas, seguindo a verdade em amor, cresceremos em tudo em direção àquele que é a Cabeça, Cristo, cujo Corpo, em sua inteireza, bem ajustado e unido por meio de toda junta e ligadura, com a operação harmoniosa de cada uma das suas partes, realiza o seu crescimento para a sua própria edificação no amor (Ef 4,15-16).

A vida cristã não deve ser uma jornada individual, porém um compromisso com a comunidade de fé. Além disso, a comunidade cristã passa a ser indispensável, já que por meio dela propaga-se fé que inclui a crença na Santíssima Trindade. Edificar esta comunidade é fazer parte de uma família espiritual, fortalecendo a fé e a prática da vida cristã. Logo, uma comunidade cristã unida pela fé, apoia-se mutuamente, compartilha os ensinamentos cristãos e, acima de tudo, preocupa-se com os princípios do Evangelho de Jesus Cristo.

A comunidade representa a união de todos os seus membros à comunhão com Deus. Esta comunidade cristã tem a missão de comunicar a fé a outros, contribuindo para o crescimento de novos

⁸⁴ MIRANDA, Mario de França, *Existência Cristã Hoje*, p. 15.

cristãos e para a edificação da Igreja onde os membros se dedicam a servir e evangelizar. Um lugar de aprendizado e serviço, onde todos os cristãos dão testemunhos de fé e de esperança. De acordo com o Papa Francisco, somos irmãos e irmãs e, sendo assim, temos o mesmo Pai. Deus é o Pai de todos. “Como pessoas que creem, pensamos que, sem uma abertura ao Pai de todos, não pode haver razões sólidas e estáveis para o apelo à fraternidade”⁸⁵.

Nessa perspectiva de Francisco, a Amizade Social é uma forma de Fraternidade aberta em busca do bem comum. Clama o afeto e a cooperação para todos visando uma sociedade mais justa e inclusiva. Aqui é mister promover programas comunitários, os intercâmbios culturais e a defesa dos direitos humanos. Em suma, a Amizade Social é um apelo à Fraternidade Universal e ao respeito com os menos favorecidos, visando um mundo mais harmonioso e compassivo.

A Amizade Social é, de acordo com o Papa, uma “fraternidade aberta que permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas independentemente da sua proximidade física, do ponto da terra onde cada uma nasce ou habita”⁸⁶. Espeja, no capítulo dois, intitulado “realidade do ser humano”, no tópico vocação comunitária, fala do ser humano como imagem de Deus e afirma de acordo com a normativa bíblica, ou seja, que “o Criador infundiu o seu espírito no ser humano. Antes de o procurarmos, Deus está em nós como fonte e fundamento de nosso “eu”, como amor que gratuitamente vem a nosso encontro. O homem não se identifica com Deus mas nele há algo de divino”⁸⁷.

Espeja menciona também o não projeto do criador e mais adiante refere-se a capacidade de escolha que é a liberdade verdadeira, que é atingida com a livre escolha do bem⁸⁸. Seguindo nesta linha ele destaca que fomos chamados a gozar de liberdade (Gl 5,13). Mas essa liberdade não será humanizadora se for motivada pelo egoísmo, deve brotar inspirada no desejo de servir e promover os cristãos. Mesmo o povo, caindo em idolatria, ele diz que “Deus mesmo enviará e se manifestará como libertador da humanidade”⁸⁹.

⁸⁵ FT 272.

⁸⁶ FT 1.

⁸⁷ ESPEJA, Jesús, *Espiritualidade Cristã*, p. 86.

⁸⁸ ESPEJA, Jesús, *Espiritualidade Cristã*, p. 88

⁸⁹ ESPEJA, Jesús, *Espiritualidade Cristã*, p. 88

Ainda mediante esta fala, Jesús Espeja afirma que “ser livres para libertar os outros significa criar comunidades com eles, respeitando e promovendo sua personalidade”⁹⁰. Nascemos para viver como irmãos (Mc 8,35), como afirma o Evangelho: “pois aquele que quiser salvar a sua vida, irá perdê-la; mas, o que perder a sua vida por causa de mim e do Evangelho, irá salvá-la” (Mc 8,35). É um convite a se desprender de desejos egoístas, planos pessoais para seguir a Cristo, já que seguir Jesus exige uma renúncia diária. A verdadeira liberdade é a que vem de Cristo.

Na realidade todos somos responsáveis por todos. Vivemos em comunidade, mas a autocomunicação de Deus somente chega a sua meta na medida em que é acolhida pelo ser humano e este acolhimento na fé faz parte da realidade da revelação de Deus. Podemos dizer que somente a partir de um amor social é possível avançar para uma civilização do amor a que todos podem se sentir chamados.

Nós seres humanos não somos isolados, mas estamos inseridos num tecido de relações interpessoais. Por essa razão, a experiência espiritual costuma acontecer dentro de um marco comunitário. O grupo acolhe esta experiência e a formaliza para torná-la assimilável a todos, com isso todas as formas religiosas se transformam em bagagem cultural de uma conectividade concreta e vão atuar como uma espécie de aglutinador/agregador social.

Na realidade, o sentido das relações comunitárias é tornar visível uma comunhão espiritual, ou seja, a comunhão profunda. De fato, esse é o sentido do pedido de Jesus pouco antes de sua morte: “a fim de que todos sejam um. Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós” (Jo 17,21). Por meio desta comunhão misteriosa e invisível, é possível sentir o significado de verdades de fé. É justamente essa unidade, que nos faz solidários no bem e às vezes no mal, é o fundamento de toda a história da salvação.

A partir dessa perspectiva, a afirmação de São Paulo vai explicar o verdadeiro sentido do viver: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). Percebe-se aqui um significado esperançoso, que é possível a partir da profundidade do ser, que é entrar em contato com a fonte da vida. Essa experiência de unidade profunda está estritamente ligada à eternidade.

Portanto, uma comunidade de pessoas religiosas é constituída pela intenção dos membros de serem e se tornarem amigos no Senhor para que o amor mútuo prevaleça. Esse é o desejo de Deus e

⁹⁰ ESPEJA, Jesús, *Espiritualidade Cristã*, p. 89.

da comunidade. É o que todos os seres humanos almejam, para que se possa viver em mútua amizade. É preciso haver oportunidades para celebrar e compartilhar esse mútuo amor ao Senhor que nos une. Somente a partilha pode fortalecer a motivação de amor.

4.3 A Espiritualidade e o Diálogo Social: caminhos para o encontro

O Diálogo social é o caminho para a construção da Amizade Social. Segundo Mondoni, “a história da espiritualidade cristã é marcada pelo diálogo com a cultura e a sociedade”⁹¹. A Espiritualidade Cristã, portanto, não se fecha em si mesma, mas se abre ao encontro e ao diálogo com o mundo. A Espiritualidade Cristã envolve, sobretudo, uma experiência particularmente pessoal e uma comunitária com Cristo e, neste trabalho, propõe-se que ela deve ser vista como caminho para uma vivência dialogal e daí partir para o que representa entender a espiritualidade como necessariamente aberta ao diálogo inter-religioso, tendo como reflexo um Deus que se fez de todos e para todos.

Para que este Diálogo seja possível é importante levar Deus à vida do irmão. Hoje já podemos falar abertamente de espiritualidade e mística, do que, de pertença a uma instituição. Deve-se levar em conta também os que buscam agir retamente, muito embora seus atos em nada tenha relação com a religião e sim com uma força maior, que acaba nos conduzindo a Deus, ou pelo menos nos aproxima dele, embora às vezes nem sequer se pensa nisso ou se dê conta disso. São atitudes que não trazem consigo o peso da religiosidade, talvez até por não estarem, com toda essa paramentação ou roupagem da religião.

Mas não deixa de ser uma genuína espiritualidade que deve ser também ouvida e observada. Nas palavras de Frei Betto:

e por mais que espiritualidade e religião possam se completar, não devem se confundir. A ‘espiritualidade’ existe desde que o ser humano irrompeu na natureza, há mais de 200 mil anos. As religiões são recentes, não ultrapassam oito mil anos de existência. Religião é a institucionalização da espiritualidade, assim como a família é do amor, há relação amorosa sem constituir família, do mesmo modo, há quem cultive sua espiritualidade sem se identificar com uma religião. Há inclusive espiritualidade institucionalizada sem ser religião, como é o caso do budismo, uma filosofia de vida⁹².

⁹¹ MONDONI, Dimensões básicas da Vida Espiritual Cristã, p.

⁹²Frei Betto citado por BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Mais espiritualidade e menos religião (característica da nossa época?), p. 76.

O Diálogo torna-se o caminho para ver a realidade de uma maneira nova, mas é um Diálogo que não se limita apenas ao interior da Igreja. Já que ela está incorporada num mundo que cada vez mais se depara com as novas problemáticas dessa complexa sociedade moderna. De acordo com o Papa Francisco é relevante procurar soluções que visam o bom relacionamento entre os seres humanos como escutar o próximo, proporcionar cada vez mais ao irmão tudo que esteja a serviço do bem comum. Convém sair do encontro que geralmente habita interiormente o ser humano e ir à procura do bem, da verdade e da solidariedade. Miranda afirma que “dialogar com a sociedade significa colaborar com ela na construção da história”⁹³.

É importante destacar aqui primeiramente a Amizade Social no ponto principal ao Diálogo amoroso. Assim sendo, nesta reflexão, pode-se destacar a Campanha da Fraternidade, enaltecendo o sentido que ela traz e representa para a Igreja entendida como Povo de Deus, como define o Concílio Ecumênico Vaticano II, no capítulo II da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*:

Em todos os tempos e em todas as nações foi agradável a Deus aquele que O teme e pratica a justiça (cfr. Act. 10,35). Contudo, aprouve a Deus salvar e santificar os homens, não individualmente, excluída qualquer ligação entre eles, mas constituindo-os em povo que O conhecesse na verdade e O servisse santamente. (...) Este povo messiânico tem por cabeça Cristo, (...) É condição deste povo a dignidade e a liberdade dos filhos de Deus, em cujos corações o Espírito Santo habita como num templo. A sua lei é o novo mandamento, o de amar assim como o próprio Cristo nos amou (cfr. Jo. 13,34)⁹⁴.

Sabemos que o objetivo principal da Campanha da Fraternidade de 2024 foi despertar, provocar a humanidade e promover os vínculos da Amizade Social, a fim de que em Jesus Cristo a paz seja realidade entre todas as pessoas e povos como assim incentiva o Papa Francisco, conforme Frei Betto: “Francisco é o homem da paz. E assim surgiu o nome no meu coração: Francisco de Assis. Para mim, é o homem da pobreza, o homem da paz, o homem que ama e preserva a criação, é o homem que nos dá esse espírito de paz, o homem pobre (..) ah, como eu queria uma Igreja pobre para os pobres”⁹⁵.

Isto posto, nos mostra a importância de uma Igreja aberta ao mundo, misericordiosa e evangelizadora. Quando a Igreja não sai de si mesma, para evangelizar, torna-se autorreferencial, e então fica doente, como a mulher encurvada do Evangelho (Lc 13,10-17). Este é um bom exemplo

⁹³ MIRANDA, Existência Cristã Hoje, p. 112.

⁹⁴ LG 9.

⁹⁵ BOFF, Leonardo, A Casa Comum, a Espiritualidade, o Amor, 2017, p. 91.

para mostrar a incansável bondade de Jesus, já que a cura dessa mulher ocorreu num sábado para o espanto dos doutores da Lei, que ficam indignados.

Retomando o tema do Diálogo torna-se imprescindível destacar que vivemos em um mundo pluralista em todos os sentidos, sobretudo no aspecto religioso. Somente a partir do amor social, há a possibilidade de avançar para a civilização do amor a que todos podemos nos sentir chamados. Com a caridade, segundo o Papa Francisco, pode se construir um mundo novo, já que não se trata de um sentimento acorrentado, mas seria o modo melhor de atingir vias eficazes de desenvolvimento para todos.

O Amor Social é uma força única e capaz de fazer florescer novos caminhos para enfrentar os problemas de hoje e renovar tudo que não agrega mais. Por intermédio da nossa fé sabemos que somos todos irmãos e irmãs, o que nos dá uma igualdade fundamental, uma vez que “todos de alma racional e criados à imagem de Deus, todos temos a mesma vocação e destino”⁹⁶. Às vezes tentam nos confundir nos fazendo enxergar monólogos que avançam cada vez mais neste mundo contemporâneo, nos impondo alguns tons cada vez mais altos e agressivos. Com isso, Papa Francisco na encíclica *Fratelli Tutti* diz:

Alguns tentam fugir da realidade, refugiando-se em mundos privados, enquanto outros a enfrentam com violência destrutiva, mas «entre a indiferença egoísta e o protesto violento, há uma opção sempre possível: o diálogo. O diálogo entre as gerações, o diálogo no povo, porque todos somos povo, a capacidade de dar e receber, permanecendo abertos à verdade»⁹⁷.

Miranda diz que “a Igreja se encontra no interior da sociedade, não só a influenciando, mas também sendo por ela atingida”⁹⁸. O Diálogo não se limita somente no interior da Igreja. O ideal é fomentar todos os sentimentos que levam a paz, diminuir os sofrimentos e lutar pela justiça em busca da verdade. Todos respiramos o mesmo ar, membros ou não da Igreja, cada um com seus valores, suas angústias e seus problemas.

Todos nós temos algo a dizer, mas também a aprender. Estamos inseridos num mundo onde o egocentrismo colabora cada vez mais com a desigualdade. Entretanto, o ser humano está sob contínuo influxo de Deus, que o leva a buscar o Bem, a Verdade e a Beleza das coisas. Dialogar com a sociedade significa colaborar com ela na construção de um mundo melhor.

⁹⁶ GS 29 e CF 24, p. 25-44.

⁹⁷ FT 199.

⁹⁸ MIRANDA, Mario de França, A Igreja em transformação, p. 17.

O Diálogo é uma forma de se colocar a serviço do bem comum. É aceitar ser uma voz entre outras, sem intolerância e sem exercer superioridade. É uma tarefa urgente da Igreja, colocar-se com grande humildade no meio das criaturas e ir ao encontro do diferente e estabelecer com ele uma relação de aliança, de amizade e de amor. O amor transforma, só assim a Igreja conseguirá levar a todos a salvação de Jesus Cristo, só assim sua mensagem universal chegará aos mais diversos fragmentos que constituem a sociedade em que vivemos.

É notório que o Diálogo abre caminho para a compreensão de uma nova cultura, contudo que seja feito por intermédio do Diálogo respeitoso, tendo em mente que o outro é aquele que vem ao encontro não para concorrer e sim para conviver. No sexto capítulo da *Fratelli Tutti* que trata do Diálogo e Amizade Social, que inicia com o parágrafo 198 e finaliza com o 224. Neste capítulo destaca-se a magia do encontro.

O Diálogo e uma nova cultura tem como fundamento principal para uma cultura do encontro, dois alicerces essenciais: a Fraternidade Universal e a Amizade Social. Aqui o Diálogo tem uma abrangência maior, já que não significa somente uma conversa. Neste referido contexto, Diálogo, passa a ser uma relação de encontro, de fala e principalmente de escuta que envolve sentimento. Querer o Diálogo verdadeiro é esvaziar-se e ir ao encontro do outro com humildade, suavidade e abertura. Afirmo o Papa Francisco sobre o verbo dialogar: “Aproximar-se, expressar-se, ouvir-se, olhar-se, conhecer-se, esforçar-se por entender-se, procurar pontos de contacto: tudo isto se resume no verbo ‘dialogar’”⁹⁹. Para o Papa Francisco, o caminho do Diálogo é o único caminho de respeito como alternativa de respeito à dignidade de cada pessoa. E não há outro caminho de fraternidade senão o de abertura e de diálogo entre os diferentes segmentos de uma sociedade e entre as diferentes culturas: “o diálogo entre as gerações, o diálogo no povo, porque todos somos povo, a capacidade de dar e receber, permanecendo abertos à verdade”¹⁰⁰.

Assim sendo torna-se urgente a mudança de atitude em relação aos mais desfavorecidos. Na encíclica *Fratelli Tutti*, o Papa Francisco propõe a cultura do encontro como fundamento de uma convivência genuína, uma convivência serena, respeitosa e livre de qualquer resquício de exclusão, de violência ou indiferença. Neste cenário a paz é sempre um desafio e abre caminho para o respeito às diferenças. A cultura do encontro não é algo que já está pronto, o próprio Diálogo nem sempre

⁹⁹ FT 198.

¹⁰⁰ FT 199.

caminha em proximidade. O desafio é reconhecer a importância do outro, ou seja, o direito de ser ele próprio e de ser diferente.

Portanto, o que não se pode deixar acontecer, é a atitude de fechamento ao Diálogo e à diversidade. O sétimo capítulo da *Fratelli Tutti* o Papa Francisco deixa registrado o caminho a trilhar: “em muitas partes do mundo, fazem falta percursos de paz que levem a cicatrizar as feridas, há necessidade de artesãos de paz prontos a gerar, com engenhosidade e ousadia, processos de cura e de um novo encontro”¹⁰¹. Diante desse quadro percebe-se que para estancar um conflito, faz-se necessário privilegiar um amplo e aberto diálogo, podendo ser até mesmo reflexivo e crítico, sabendo, contudo, haver plenas condições de construir para a superação da injustiça e até mesmo da violência.

Retomando o Diálogo Social, torna-se urgente observarmos não somente as importantes e significativas mudanças socioculturais, mas sobretudo a transformação eclesial que é a própria fé cristã. A Igreja deve rever sua ação pastoral em conformidade com o apelo do Papa Francisco por uma conversão pastoral e missionária¹⁰². Assim será possível favorecer a cultura do Encontro. Em espírito missionário, incentivando e desejando que os grupos se multipliquem originando outros grupos.

Na Amizade Social Deus quer que celebremos essa Amizade redentora para que todos possam viver verdadeiramente a vida nova que Jesus Cristo, conquistou para nós quando morreu e ressuscitou (2Cor 5,15). Que os Encontros favoreçam a nossa conversão e a vivência da Fraternidade em seu sentido mais pleno, aberto e inclusivo.

¹⁰¹ FT 225.

¹⁰² EG 25-39.

5. CONCLUSÃO

Buscando observar os temas examinados e apresentados nesta pesquisa, depreende-se que a realidade humana e a vida cristã tornam-se verdadeiras e autênticas sempre que Deus é experimentado no relacionamento pessoal, nos momentos de partilha mútua e de solidariedade. Como fora apresentado, pode-se ver que a liberdade cristã é a capacidade de amar e de sair do encarceramento do próprio eu para um Encontro mais profundo e eficaz com o outro. A partir disso foi possível vislumbrar que o egocentrismo não poderá continuar sendo uma ameaça dentro de nós.

Sem disponibilidade em relação à vontade de Deus, e sem flexibilidade com o amor-serviço fica inviável qualquer gesto do Pai, que ressuscitou Jesus e que vivificará os que abraçaram com fé ao seu Filho, já que o projeto de Deus em Cristo é acolher com Fé, Amor e Esperança a todos. Sob todos os aspectos, a Espiritualidade Cristã, guia as pessoas a uma vida mais abundante em Cristo e a um crescimento no Espírito. Daí pode-se afirmar que Deus é o Pai amoroso e que se autocomunica ao mundo em Jesus de Nazaré, que é amor. Consequentemente, todo ser humano é chamado a amar.

Percebe-se também que nosso Encontro com Deus é um encontro com a comunidade perfeita do Pai e do Filho e do Espírito Santo, cujo propósito ao criar o universo é convidar os seres humanos a fazer parte de sua comunidade. A Igreja, nesse horizonte, torna-se necessária como espaço de vivência e testemunho da mensagem de Jesus, inserindo todos na ação única de Deus e aproximando-nos das comunidades que Ele deseja, onde ninguém é excluído. De tal modo, que ao compartilharmos nossa experiência tornamo-nos Igreja e estaremos todos inseridos na ação única de Deus e assim aproximamo-nos das comunidades que Deus tenciona e que inclui todos os seres humanos do mundo. Com a encíclica *Fratelli Tutti* do Papa Francisco, faz-se urgente ficar atento ao seu chamado buscando recomeçar e fortalecer o sentido de solidariedade e de integridade entre as pessoas. Ainda em conformidade com o Papa Francisco, é necessário estabelecer um novo humanismo, onde os seres humanos se vissem responsáveis pela terra a qual habitam, pois é nossa Casa Comum.

É extremamente importante passar de uma cultura da indiferença e do egoísmo para uma cultura do Encontro e do esforço pelo bem comum. É urgente estabelecer uma cultura da comunicação e do diálogo deixando de lado os interesses pessoais. É imprescindível solidarizar-se com os mais necessitados que têm sua dignidade humana rejeitada e até mesmo dilacerada. É preciso imediatamente avançar e trabalhar juntos. Ao caminhar conjuntamente, todos acabam ganhando.

Como se buscou evidenciar nesta pesquisa, a Espiritualidade Cristã, fundamentada no Encontro pessoal com Jesus e na universalidade de sua mensagem, é um caminho fecundo para a construção de uma Amizade Social autêntica. Essa espiritualidade não se limita à dimensão interior, mas se expressa concretamente na relação com o outro, na prática da compaixão e na vivência comunitária. A encíclica *Fratelli Tutti*, do Papa Francisco, reforça essa perspectiva ao propor uma Fraternidade aberta, sem fronteiras, que reconhece a dignidade de cada ser humano e convoca todos à cultura do Encontro, do Diálogo, da Solidariedade e da Fraternidade.

São inúmeros seres humanos que sofrem e vivem em condições subumanas da vergonhosa pobreza, fruto da ganância e do asoberbado egoísmo humano. A vida de caridade deve ser a base de qualquer Espiritualidade, pois, sem isso, pode-se corromper numa espécie de narcisismo obstinado com o próprio eu. É essencial superar tal cultura da indiferença e do egoísmo, promovendo uma cultura do Encontro e do esforço pelo bem comum. A solidariedade com os mais necessitados, cuja dignidade é frequentemente rejeitada, deve ser prioridade.

O percurso até aqui mostra a riqueza de caminhar todos juntos acolhendo na fé, na confiança e no amor. Na vida e nos ensinamentos de Jesus, Ele luta pela felicidade de todos promovendo a vida em todas as suas dimensões. Pois, a vida de caridade é a base de uma verdadeira Espiritualidade autêntica, pois sem ela corre-se o risco de cair num narcisismo obstinado.

Em suma, a fé em Deus implica um envolvimento, quanto mais se vive sua fé em Deus, tanto mais se percebe, sente e experimenta Deus, portanto, é nessa experiência com Deus que a Espiritualidade Cristã e a Amizade Social não são realidades paralelas, mas profundamente interligadas. Juntas, apontam para um novo estilo de vida, marcado pelo amor oblato, pela escuta do outro e pela construção de pontes. A fé em Deus implica o envolvimento de toda a pessoa, que ao viver sua fé, percebe Deus como próximo, amigo, compassivo e fonte de vida. Trata-se de viver como filhos de Deus e irmãos entre si, comprometidos com a paz, a fraternidade e a esperança, promovendo a vida em todas as suas dimensões.

6.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADROALDO, Pe. Entrevista com Padre Adroaldo – Ex-Reitor. **Entrevista concedida à TV Redentor**. YouTube, 23 out. 2025. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EwCKbMeIDl8>>. Acesso em: 25/10/2025.

AGOSTINHO. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira. São Paulo: Paulus, 1997.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2024.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **Mais Espiritualidade e menos Religião** (Característica Da Nossa Época?). Revista Brasileira de Filosofia da Religião, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 75–91, 2018. DOI: 10.26512/2358-82842016e14250. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbfr/article/view/14250>. Acesso em: 18/06/2025.

BOFF, Leonardo. **A Casa Comum, a Espiritualidade, o Amor**. São Paulo: Paulinas, 2017.

CATÃO, Francisco. **Espiritualidade Cristã**. São Paulo: Paulinas, 2009.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Pastoral *Gaudium Et Spes***: sobre a Igreja no mundo de hoje. São Paulo: Paulinas, 2011.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição dogmática *Lumen Gentium***: sobre a Igreja. São Paulo: Paulinas, 2011.

CONCÍLIO VATICANO II. **Decreto *Perfectae Caritatis***: sobre a renovação da vida religiosa. São Paulo: Paulinas, 1966.

ESPEJA, Jesús. **Espiritualidade Cristã**. Petrópolis: Vozes, 1994.

FRANCISCO. **Encíclica *Fratelli Tutti***: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulinas, 2020.

FRANCISCO. **Encíclica *Laudato Si'***: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2014.

MIRANDA, Mario de França. **Vislumbre de Deus**. São Paulo: Paulinas, 2019.

MIRANDA, Mario de França. **Existência Cristã hoje**. São Paulo: Loyola, 2005.

MODINI, Danilo. **História e Teologia da Espiritualidade**. São Paulo: Loyola, 2014.

HADDAD, Philippe. **Fraternidade ou a Revolução do Perdão**: histórias de fraternidade do Gênesis aos ensinamentos de Jesus. São Paulo: Edições Fons Sapientiae, 2021.

RAVASI, Gianfranco. Linhas bíblicas da experiência espiritual. In: RAVASI, Gianfranco. **A Bíblia e a espiritualidade**. São Paulo: Paulinas, 2006.